

# A GAITA

QUINZENÁRIO LITTERÁRIO E HUMORÍSTICO

Anno I

Barcellos, 17 de Maio de 1894

Num. 1

## DUAS PALAVRAS

A *Gaita* não é precisamente um instrumento de sopro, aberto e burilado nas horas fugazes dos nossos ocios juvenis.

Esta não foi inventada por Pan para socego e guarda dos rebanhos nevados nas viridentes e maravilhosas collinas do Peloponeso.

A *Gaita*, que hoje exhibimos em primeiro numero, é a expansão da nossa alma de quinze annos, cujos sons se espraíam pelos horisontes ceruleos da natureza em busca das incognitas intangíveis do ideal.

Tocamol-a desaguetadamente, com a posição viciosa e incorrecta dos principiantes; fazemol-o porém cheios de enthusiasmo, na vaidosa esperança de despertar sorrisos e conquistar sympathias.

Conta-se que Orpheu tangia a lyra com tamanha perfeição e maestria que as plantas e penhas da localidade deixavam as posições respectivas, suspendiam-se as correntes e saltavam apressadas as feras de mais rijos instintos a extasiarem-se suavemente nas ondas de harmonias desferidas pelos seus dedos portentosos.

O nosso instrumento, bem desafinado talvez, não ambiciona, pela sua humildade, esse poder magnetico da lenda grega; mas uma flôr que receba por uma ideia que desperte, um sorriso que imprima por uma graça que profira, um suspiro que se exhale por uma tristeza que provoque, serão recompensas benéficas do nosso arrojado tentamen.

N'esta *Gaita* modularemos as impressões da nossa existencia, alegres, melancolicas, ou lugubres; brisa ou oressa que soprem, vendaval ou furacão que devasstem, influirão de maneira diversa em nossa modalidade incipiente.

Mas, sempre a nossa idade rea-

girá contra o meio saturado de coisas tristes, porque o sangue dos novos, na sua ebullicão constante, apenas se refrigera na contemplação dos paramos azues da natureza, ou dos olhos insondáveis da criação feminina, para se incendiar de novo aos raios coruscantes do sol planetario.

Tocar bem é um dom especial que poucos possuem e que muitos desejam; nós vamos arrastados pelo segundo sentimento, tendo a esperança por broquel e uns labios por estimulo.

Se em nossa peregrinação pelos campos do jornalismo conseguirmos obter o mais pequeno applauso, essa manifestação de sympathia será a nossa maior recompensa, que ainda attribuiremos á generosidade dos leitores.

E, feita a nossa apresentação necessaria, prosigamos na ardua tarefa.

## ENLEVO

Não voa mais suave  
Do lyrio o seu perfume,  
Nem brilha mais o lume,  
Nem ha cantico d'ave,

Que excedam os aromas  
Das tuas tranças loiras,  
Tranças onde enthesoiras  
As almas dos que tomas;

Com raios mais brilhantes  
Que os olhos teus, de fogo,  
Se os assestas logo  
Nos nossos delirantes;

Que tenham mais ternura  
Que a tua voz tão doce  
Da qual um som que fôsse  
Me erguia até a altura,

Que eleva fresca rega  
Vergontea já caída,  
Na qual anceia a vida  
Se tanto se lhe nega.

E quem dissera—não!—  
Diante d'essa luz,  
Facho que assim seduz  
Os olhos da rasão?

A mim que vivo em trevas  
Concede um olhar teu,  
Pois creio emfim que ao ceu  
Com elle tu me levas.

*Amador.*

## ALLUCINANTE...

Teu busto é mais perfumado  
Que um d'esses arcos de flores,  
A' porta d'um templo, armado  
P'ra passarem os andores...

—Arco de myrto e amarantho  
Que fazem por suas mãos  
Em festas de dia-santo  
As filhas dos aideãos!...

Não vi plastica mais bella  
Que em teu seio nu, bizarro,  
Onde em rolos se ennovella  
O fumo do meu cigarro...

Bem sabes que nos provoca  
Teu sorriso jovial  
Quando pões o «Porto» á bocca  
N'uma taça de crystal...

És lubrica!... E' tentador  
O teu gesto, leviana,  
Quando brindas ao amor,  
Taça em punho, a rir, magana...

Desenrola as tranças loiras...  
Sinto, entre as canções vermelhas,  
Que em teus labios enthesoiras  
Beijos febris como abelhas!...

Embora, ó joia perdida,  
Instilles fataes venenos...  
Ao pé de ti amo a vida  
E esqueço maguas ao menos!...

Coimbra.

*Gonçalves Cerejeira.*



## GAITADAS

## I

Um calor intenso e forte,  
Um vento pouco fagueiro,  
Muita falta de dinheiro,  
Tudo isto nos amofina;  
Ainda assim antes eu quero  
Ver-me n'este bello estado,  
Do que me vêr atacado  
Da terrível cholérina.

*Gaitziro.*

Do *Primeiro de Janeiro*:

**Mademoiselle Francaise**—

On demande, pour la conversation  
seulement. Lettre à l'administra-  
tion du «Primeiro de Janeiro»  
adressée a A. A. Z. Z; avec l'in-  
dication de la demeure».

A menina que annuncia  
P'ra somente *conversar*,  
Tem com certeza *mania*,  
Dá a vida por namorar.

Nós achamos que anda mal  
Em vir assim annunciar,  
N'um muito lido jornal,  
Que o seu fraco é *conversar*.

Por *madmoizelle* dizer  
Tão publicamente isso,  
Nós vamos-lhe já escrever;  
Pode ser... Mais um derrico!...

*Laz-Traz.*

**As gaitas**

Tencionavamos apresentar ao  
publico a «Gaita», no dia 3 do  
corrente, mas o torneio de tiro  
impossibilitou-nos o realisarmos  
o nosso intento edesejo de todos  
os barcellenses que anciosamente  
nos esperam.

Foi a *fera mortandade* de gaitas,  
que anticipadamente sabiamos  
teria de effectuar-se, pelos pro-  
motores do torneio, que incutindo-  
nos no espirito um profundo ter-  
ror, occasionou o addiamento da  
publicação do primeiro numero  
do nosso quinzenario. Temiamos  
que a nossa «Gaita», que hoje apre-  
sentamos á apreciação dos leito-  
res, fosse tambem *victima* da *fe-  
rocidade* dos *barbaros* atiradores;  
receivamos que ella fosse *dego-  
lada* e depois *assassinada* a tiro,

como suas *irmãs*, ou, melhor, suas  
*primas*, porque, como veem a nos-  
sa «Gaita» é de papel e não pode  
ter tão chegado parentesco com  
as gaitas *accutadas*, que eram de  
borracha e muito inferiores á nos-  
sa «Gaita», apesar da opinião de  
algumas nossas leitoras ser con-  
traria a esta affirmacão, porque  
preferem as *gaitas de borracha*  
para lenitivo dos seus *males*, pois  
são o instrumento com que deses-  
peradamente tocam quando se  
veem em *certos apertos*.

Protestamos! A nossa «Gaita» é  
mil vezes superior!

No entanto, declaramos aqui o  
nosso immenso descontentamen-  
to pelo *assassinato* das pobres gai-  
tas.

As gaitas primeiro que tudo e  
primeiro que ellas a nossa!

Abaixo os nossos inimigos!

Morte e odio profundo aos *m-  
tadores* das gaitas!...

O torneio de tiro não foi mais  
que uma reunião de anarquistas,  
mais ferozes, mais terrives que  
os *dynamitistas*, pois, ao contra-  
rio d'estes, escolheram inoffensi-  
vos para saciarem a sua ira!

Ficamos em guarda...

**PERFIS**

## I

ANTONIO G. CRUZ.—Possui-  
dor de um buço que seduz e en-  
canta; o seu *fraco* é acariciar o que-  
ixo avelludado de alguma rapariga  
bonita, a quem dirige sempre ama-  
bilidades, como conquistador que  
nunca receia que as suas decla-  
rações amorosas não encontre n  
echo no peito das donzellas, e elle  
sabe bem avaliar a poderosa in-  
fluencia que o seu bigodesinho  
preto tem no coração feminino.

De resto, um excellento rapaz,  
muito conversador e sempre ale-  
gre.

C. L.

**A EPIDEMIA**

Fallam todos na epidemia  
Que, ultimamente, muito mal  
Está causando em Portugal,  
Que nós receamos, qualquer dia,  
Ter de fugir com a Maria,  
Abandonar o *pardieiro*  
E levantar grande berreiro,  
Para o Creador se contristar  
E, em vez de cholera, nos mandar  
Uma *epidemia* de dinheiro.

*Laz-Traz.*

**Dialogos das ruas**

—Olá, sr.<sup>a</sup> Anastacia! Então,  
conte-me cá, como se tem dado  
você com a *Carolina*?

—Perfeitamente, sr.<sup>a</sup> Brizida.  
Apesar de ter o seu bocadinho  
de genio não é má rapariga. Aques-  
tão é de a saber levar; e eu, como  
já lhe conheço o genio, dou-me  
perfeitamente com a cachopa: o  
que ella quer é que digam sem-  
pre consigo, quero dizer—quando  
ella disser «sim», eu tenho de di-  
zer «tambem». De resto, não é má  
rapariga.

—Ahi está você a fallar-me em  
«alhos», fallando-lhe eu em «bo-  
galhos». Eu não lhe pergunto pela  
*Carolina*, sua irmã, que essa co-  
nheço eu perfeitamente, e por si-  
gnal tem um genio.... Pergunto-  
lhe pela «*Carolina*», pela terrível  
«*Carolina*» que tantas enfermida-  
des tem causado na nossa capi-  
tal.

—Mas, quem é então essa ter-  
rível *Carolina*?

—Bem podia eu cançar-me em  
lhe perguntar.... Pelo que vejo  
não tem lido os jornaes.

—Eu não, porque não sei ler.

—Pois olhe, sr.<sup>a</sup> Anastacia, não  
são cousas p'ra brincar. E' raris-  
simo o dia em que ao ler qual-  
quer jornal não vejo logo na 1.<sup>a</sup>  
pagina em typo normando—«*Ca-  
rolina*»—Hospital de.... Doen-  
tes «novos».... Em tratamen-  
to.... Felizmente que o terrível  
mal só vem pelos «novos». Im-  
agine se principiasses cá pelos ve-  
lhos, aonde estariamos nós agora  
—nem cinza existia do nosso po-  
bre «cadavre».

—Perdão, sr.<sup>a</sup> Brizida, não é  
*Carolina* mas sim *cholérina* a epi-  
demia de que falla: d'isso estou  
eu ao facto, porque ainda não ha  
muito, por questão indentica, fal-  
lando em «*Carolina*» diante de  
meu mano, levei um «respe» de  
tal ordem que até corei de vergo-  
nha por dentro. E por isso é que  
eu lhe digo que deve ser *choleri-  
na* e não «*carolina*» a epidemia a  
que vocemecê chama «*terrível*».

—Terrível, sim, mil vezes mais  
terrível do que a maldita «*falta  
d'ar*» que já ha muito nos invade  
as algibeiras.

—Pois eu temo mais a «*falta  
d'ar*» do que a tal *cholérina*. Isto  
de *cholérina* não é mais do que  
uma scisma; e todos esses que  
adoecem é de scisina e não de  
doença. Espalharam por ahi aos



quatro ventos que a tal cholera principiava por fortes dôres intestinaes, quasi sempre acompanhadas de uns quaesquer rugidos na barriga. Isto é uma hypothese. De maneira que qualquer pandego, a quem isto succede, recolhe-se á cama immediatamente, sinapismos e mais sinapismos, desinfectantes e mais desinfectantes, e a final, depois de alguns dias de cama e a scismar sempre na «terrivel» chelarina, é que o sujeito adoecce fatalmente. Sabe para quem isto é bom e bom de lei, é para os pharmaceuticos que n'estas occasiões é que elles se «arranjam» divinamente. E verá d'aqui a pouco um pandego gastar um dinheirão em acido phenico ou chloreto de cal para andar bem desinfectado, e, a final, ficar infectado da mesma forma. E' tudo uma pandega.

— Deixemo-nos de pandegas d'estas, porque uma pessoa morre e depois de nada lhe serve o dinheiro. Vá a sr.<sup>a</sup> Anastacia, como destemida, deixando correr os marfins, que eu, com o meu medo e com o meu receio, me irei resguardando dos males.

*Saca-rolhas.*

Noticiam os jornaes que mr. Dumphy, representante do estado de Nova-York, apresentou á camara dos deputados de Washington, o projecto da abertura de um enorme *boulevard* ou avenida,

atravessando a America, do Atlantico ao Pacifico, desde Nova-York a S. Francisco. Essa grande avenida compõe-se de duas ruas para viacturas e cavalleiros e uma central para peões.

Achamos excellente o projecto e especialmente a medida tomada para prevenir as *desgracas*.

Quem não levar cavallos pode ir as centro, mas quem os possuir tem que resignar-se a ir só pelas bordas.

### Arre p... patifaria

Tenho em casa uma creada  
Que é levada do Diabo;  
Todos os dias á noite,  
Lá tenho sempre um soldado!

Por mais que me mortifique  
Que berre, que faça bulha,  
Não consigo em termos medios  
Tirar de casa a patrulha.

Não consigo tenho visto,  
Inda que faça banzê,  
Entendo eu cá para mim  
O correl-o-a ponta-pé

Até de noute o maldito  
Me não deixa socegar.  
Chega, a ponto o desespero,  
De o não poder supportar.

Vou já a creada p'ôr fóra  
Nem tanta patifaria!  
Não consinto em minha casa,  
Um quartel d'Infanteria!

J. M.

A \* \* \*

E's dos anjos a candura,  
Das estrellas o fulgor;  
E's olympico sacrario  
Onde infundo meu amor.

Da formosura és rainha,  
De meus sonhos ideal,  
Da flor a mais mimosa  
A belleza divinal.

J. M.

### AS SETE MARAVILHAS DAS CRUZES

É a primeira maravilha,  
Por ser ella a que mais brilha,  
Uma especie de armadilha  
A' caridade—a *kermesse*.  
Lá falla-se o portuguez,  
Estropia-se o francez  
E muitas vezes o inglez,  
Por quem só sabe *Oui e Yes*.

A segunda, leitor qu'rido,  
E' este homem tão garrido,  
De ponto em branco vestido,  
Em constante phrenesi,  
Com cara de encavacado,  
Por estar *encasacado*;  
E' o *reporter* alugado  
D'um jornaleco d'aqui,

P'rá *kermesse* vigiar,  
A ver se pode apanhar  
Qualquer coisa p'ra narrar,  
Nas columnas do *jornal*;  
Desempenha o seu *officio*  
Affastado do bulicio  
Sobre a fonte, no officio  
Das Obras. Pobre mortal!

## Folhetim

(1)

### A POLICIA EM PALPOS D'ARANHA

CONTO HUMORISTICO

I

Era no carnaval, em uma frigidissima e chuvosa noite. No relogio da Sé acabavam de soar vagarosamente as doze badaladas da meia noite. Quando se perdia no espaço o som quasi funebre da ultima pancada, ouviu-se um grito dilacerante de mulher, precedido de um ruido secco como o produzido pelo cahir de um corpo humano.

Dois policias que n'esta occa-

sião passavam na rua de \*\*\*, de onde tinha partido aquelle grito afflictivo, que só uma dôr agudissima poderia ter motivado, dirigiram-se para um dos andaimes onde um vulto negro mal se divisava, devido á escuridão profunda.

Os dois homens da policia não lhes restando duvida de estarem em frente de um crime, talvez monstruoso, apitaram desesperadamente, sem ousarem transpor o espaço que os distanciava do objecto escuro que lhes causava calafrios.

Apezar de o commissariado estar situado a pouca distancia só passados quinze minutos se divisaram no principio da rua alguns policias.

Os dois primeiros julgando estarem em face de assassinos lançaram mão dos terçados e... po-

seram-se em fuga. Mas, com tanta infelicidade que um d'elles, ao voltar para o largo de \*\*\*, tropeçou e cahiu ferindo-se no rosto.

O companheiro, que em aquelle momento a sua ideia fixa não era com certeza a caridade, desapareceu rapidamente por traz da capella que ainda hoje ali existe.

Imagem agora os leitores o resto!

Os policias chamados pelos apitos dos dois cagarolas, ao verem os dois medrosos darem ás de Villa Diogo, tiveram o mesmo pensamento dos dois infelizes e suspeitaram que estes fossem os criminosos.

Cosidos com as paredes foram seguindo a correr os dois policias. N'este momento foi que um dos perseguidas cahiu.

(Continúa)

ZAZ-TRAZ



A terceira, é de morrer,  
São rapazes a fazer  
Umaz cruces, p'ra metter,  
Aos lorpas dos lavradores,  
A peta, que os mais annos,  
Aquelles grandes maganos,  
Depois de sinistros planos,  
Impingem. Que bons actores!

A quarta, com tres milheiros,  
(Tenham cautella, parceiros)  
E' a torre dos Terceiros  
Que está prestes a cahir  
D'aquellas grandes alturas.  
Quinta os *pim pam puns*, figuras  
Par'cendo caricaturas  
D'um jornaleco p'ra rir.

Atenção agora eu peço:  
A sexta, leitores, confesso,  
E' o «bazar do progresso»  
Que tem feito sensação.  
Senhor's, a setima, enfim,  
(Que é a melhor cá p'ra mim)  
E' aquillo que do jardim  
Chamam illuminação

3-5-1894.

*Laz-Íraz.*

«**Sacca de velludo.**—Perdeu-se uma, contendo valores, desde a Estamparia do Bolhão até ao campo 24 de Agosto. A quem a achou roga-se a fineza de a entregar no campo 24 de Agosto n.º 171, onde será gratificada.»

(Primeiro de Janeiro)

E' excellente *piada*  
A saquinha de velludo  
E' que é gratificada?  
Passava se fosse Entrudo.

*Laz-Íraz.*

## ENYGMAS & CHARADAS

### Enygma

AAAAAABBBCCEGGLLNORRRS

São o nome de tres povoações portuguezas.

### Charadas novissimas

E' quente e allumia, no jogo, defende a patria—1—2.

No tribunal, está no meio, na botica—1—2.

Aqui, é uma historia, termina ver quem é. Se for a perguntar por mim, diz que não estou em casa.  
no mar, é util a todos—1—2—1.  
O monarcha, é um laço, o nosso paiz—1—1.

*Laz-Íraz.*

Do *Janeiro*:

«**Cão.**—Vende-se um vindo recentemente do estrangeiro, de raça pura. Rua da Piedade, 81.»

Eu tambem se pudesse vendia  
Um «cão grande,» que um dia «fabriquei»,  
N'um momento que «massa» não havia,  
E a um rico, mui rico, o «prequici».

Mas não é caso p'rannunciar,  
N'um tão grande e tão lido jornal,  
Porque assim podem todos pensar  
Que você não estina o «animal»

Annunciar! Patetice! Isso não!  
Se fosse eu não mostrava o meu jogo.  
Eu deixava crescer o «bom cão»;  
Se annunciassse pegavam-me fogo.

## Linhas alegres

—O amigo almoça hoje comigo?  
—Perdão, é-me impossivel...  
—Disse-o agora mesmo pelo telephone a minha mulher. Ouça a resposta. (Entrega-lhe os auscultores).

Uma voz pelo telephone:  
—Já que assim o queres, seja assim; mas dispensava bem a presença de semelhante massador.  
—Então?  
—Amabilissima, sua esposa...

Perguntando-se a um discreto a razão porque não casava, respondeu: por quatro razões e vem a ser—se a mulher é feia, aborrece-se; se é formosa guarda-se; se é rica, soffre-se; se é pobre, sustenta-se.

Calino reprehende severamente o filho por ser mentiroso.

—E preciso que te habitues, dizia elle, a dizer sempre a verdade, embora te custe muito.

Batem á porta.

Calino, continuando:

—Estão a bater á porta. Vae

Um empregado do caminho de ferro á sua noiva:

—A minha paixão por ti não tem freio.

—Pois dá-lhe contra-vapor, se não podes descarrillar.

«O Pimenta sempre foi um felizardo». «Que foi que lhe aconteceu?» «Lembras-te d'aquell relogio de quinhentos dollars que lhe offereceram...» «Sim» «Pois elle conseguiu vendel-o por quatorze.»

«Deves estar doido». «Talvez que esteja. Ha perto d'uma hora que estou falando contigo.»

## EXPEDIENTE

A todos os cavalheiros a quem tomamos a liberdade de enviar o nosso modesto quinzenario litterario e humoristico, pedimos a fineza de nol-o devolverem, caso não nos queiram honrar com a sua assignatura, do contrario serão considerados nossos assignantes.

## A Gaita

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Trimestre . . . . . 120 reis

Para fora de Barcellos acresce o importe do correio.

Avulso. . . . . 20 réis.

Annunciam-se todas as publicações de que se receber um exemplar.

Redacção e administração: Rua de S. Francisco.

Barcellos—Typ. da IDEIA NOVA.